



PRPG Pré-Reitoria de Pós-Graduação
PIBIC/CNPq/UFPG-2009

LITERATURA E ENVELHECIMENTO: UMA REPRESENTAÇÃO DA VELHICE EM *KING LEAR*, DE SHAKESPEARE

Giliana Alves da Silva¹, Iris Helena Guedes de Vasconcelos²

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que teve o objetivo de analisar a representação da velhice em *King Lear*, considerando as relações de poder e o conflito de geração, apresentados na organização dramática da peça. Escrita pelo dramaturgo inglês, William Shakespeare, a obra inspira várias possibilidades de análise, tanto no que se refere ao aspecto formal quanto ao temático. O estudo da categoria velhice, enfatizando a relação idade/geração, constitui uma temática que suscita uma reflexão sobre a suscetibilidade do ser humano nas relações sociais, contribuindo para ressaltar a função social da literatura, que constitui um fator de humanização. A pesquisa teve início com a leitura da peça. Depois, foram destacadas as falas das personagens sobre velhice. Então, com o apoio de textos críticos e teóricos, discutiu-se a construção da representação dessa categoria social e sua relevância na organização dramática da obra em estudo. Verificou-se que a representação da velhice, nessa obra shakespeariana, apresenta uma perspectiva predominantemente negativa, relacionada com a decadência e com a morte. A relação de poder e o conflito de gerações constituem fatores primordiais na organização da peça, gerando a tensão entre as forças antagônicas que desencadeiam o conflito dramático.

Palavras-chave: tragédia, relações de poder, conflito de geração

LITERATURE AND AGING: A REPRESENTATION OF THE OLD AGE IN *KING LEAR*, BY SHAKESPEARE

ABSTRACT

This article shows the results of the research that aimed to analyze the representation of the old age in *King Lear*, considering the relations of power and the conflict of generation presented in the dramatic organization of the play. Written by the English playwright, William Shakespeare, the work inspires several possibilities of analysis, both in relation to the formal aspect and to the thematic one. The study of the old age category, emphasizing the relation age/generation, form a thematic that incites a reflection on the touchiness of the human being in the social relationships. It contributes to show the social function of the literature, which is a factor of humanization. The research began with the reading of the play. Afterwards, the speeches of the characters about the old age were selected. Then, with the support of critical and theoretical texts, the construction of the representation of that social category and its relevance in the dramatic organization of the work were discussed. It was verified that the representation of the old age, in this Shakespearian work, mainly shows a negative perspective, related to decay and to death. The relation of power and the conflict of generations constitute primarily factors in the organization of the play, creating the tension between the antagonist strengths that incites the dramatic conflict.

Keywords: tragedy, relations of power, conflict of generation

¹ Aluna de Curso de Letras, Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, UFPG, Cajazeiras, PB, E-mail: gilianaalv@hotmail.com

² Letras, Prof^a. Doutora, Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, UFPG, Cajazeiras, PB, E-mail: ihguedes@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo vem apresentar os resultados da pesquisa intitulada “Literatura e envelhecimento: A representação da velhice em *King Lear*, de Shakespeare”, que, sob uma perspectiva sociológica, teve o objetivo de analisar a representação da velhice, considerando as relações de poder e o conflito de geração, apresentados na organização dramática da referida peça.

Com o estudo sobre a temática do envelhecimento, observa-se que o valor atribuído à velhice depende de cada cultura, podendo ser diferente de acordo com cada época. Sem dúvida, a educação é um fator determinante para esta questão, pois o aspecto transgeracional pode influenciar significativamente na ruptura ou na continuidade dos costumes e do estilo de vida de um povo. Se a sociedade ou um determinado grupo social, particularmente a família, cultiva uma atitude de valorização e respeito da pessoa idosa, haverá sempre uma perspectiva positiva da velhice, valorizando-se um saber a ser aproveitado, fruto de experiência de vida. De outra forma, quando a sociedade privilegia apenas os imperativos da modernidade e do mundo capitalista, o saber da velhice é quase sempre destituído.

Na literatura, a velhice pode ser representada de forma a sinalizar tanto a perspectiva de um saber a ser aproveitado como também um saber a ser destituído. Em ambas as perspectivas, a literatura pode inspirar uma reflexão sobre a realidade social, confirmando e negando, propondo e denunciando os fatos. Nesse sentido, ela fornece a possibilidade de uma vivência dialética dos problemas. (CANDIDO, 2004)

Em *King Lear (Rei Lear)*, Shakespeare apresenta uma visão da velhice que é apreendida pelo próprio protagonista logo no início da peça, anunciando a estreita relação do aspecto trágico do ser velho, numa época em que os interesses individuais se sobrepõem ao coletivo, pois, embora a história de Lear seja parte de uma série de lendas sobre a antiga história da Grã-Bretanha, a peça apresenta aspectos que são inteligíveis à sua audiência, podendo dialogar com as convicções das pessoas de seu tempo, pois, apesar da ambientação pré-cristã, a peça apresenta alusões contemporâneas (FRYE, 1999), podendo ser estabelecida uma relação entre texto e contexto. (CANDIDO, 2000)

Associada ao reinado da rainha Elizabeth I (1558-1603), a era elisabetana é considerada um período dourado da história da Inglaterra. Essa época corresponde ao ápice da renascença inglesa, na qual se viu florescer a literatura e a poesia do país, sobretudo, na expressão do teatro shakespeariano. Com a morte da Rainha, James I tornou-se soberano na Inglaterra. Entretanto compreende-se que os traços definidores da caracterização de cada reinado constituem não apenas diferenças entre eles, mas uma série de ligações que dão continuidade a muitos dos aspectos do contexto Elisabetano. (VASCONCELOS, 2007)

A sociedade vivenciou nesse período um crescimento populacional desordenado. Devido às grandes descobertas, a Inglaterra estava no centro das rotas atlânticas e o capitalismo comercial com a vantagem dos lucros enriquecia cada vez mais o espírito de solidariedade enquanto fortalecia o individualismo. (BOQUET, 1989)

Na virada do século, período que corresponde à maturidade e ao sucesso das obras Shakespeare, a filosofia do dramaturgo sofreu uma mudança que alterou sua avaliação da situação social. Nessa ocasião, a rainha começara a perder sua popularidade, tornando-se cada vez mais tirânica e irascível. Há referências de eventos desagradáveis, como por exemplo, a inimizade entre Elizabeth e Maria Stuart, a perseguição dos puritanos, a gradual transformação da Inglaterra num Estado policial, o fim do governo de Elizabeth I e a tendência feudalista com Jaime I.

Segundo McGuire (1994), tanto sob o poder de Elizabeth I quanto sob o de James I havia uma ideologia dominante que controlava a concepção de ordem social e das relações – uma concepção profundamente patriarcal – muito embora enquanto Elizabete governou, a autoridade maior na Inglaterra estivesse na pessoa de uma mulher.

Escrita entre 1605 e 1606, *King Lear* é considerada pela crítica literária uma das obras mais importantes da fase de maturidade da produção shakespeariana. A peça é classificada como uma tragédia por apresentar a queda do herói, indivíduo de posição social elevada, no caso, o rei. A tragédia de Lear está relacionada ao próprio caráter do personagem que apresenta uma personalidade irascível e vaidosa, qualidades que caracterizam a *hybris* ou falha trágica, termo recorrente na crítica shakespeariana, que conduz o herói ao erro de julgamento.

A representação da velhice em *King Lear* começa a ser caracterizada na figura do herói, um rei que se considera velho para assumir as responsabilidades de seu reino e decide dividir o território em três partes, sendo cada uma delas destinada a uma das filhas como dote. Entretanto, para ter direito ao dote, as filhas deveriam proferir um discurso de declaração de amor filial que agradasse à vaidade do rei. Será, pois, a partir da partilha do reinado que o drama de Lear se desenvolve numa relação de forças que envolvem o conflito entre gerações e a questão do poder.

Para analisar a representação da velhice em *King Lear*, portanto, procurou-se seguir os passos discriminados na metodologia que se apresenta no tópico seguinte.

METODOLOGIA

Para desenvolver a pesquisa “Literatura e envelhecimento: A representação da velhice em *King Lear*, de Shakespeare”, procurou-se cumprir as etapas apresentadas no cronograma previamente planejado. A primeira atividade constou da leitura e discussão da peça que constitui o *corpus* da pesquisa. O estudo centrou-se na fala das personagens, na relação que se estabelece entre elas, ressaltando, principalmente, os discursos sobre a velhice. Também se procurou identificar as relações de poder e sua articulação com o conflito entre gerações, na tessitura do diálogo dramático.

A leitura de *Teoria do Texto*, de Salvatore D’Onofrio (2003), foi de grande importância para a compreensão da composição dramática da obra de Shakespeare, apreendendo-se o conceito de tragédia, de comédia e de outros termos que fazem parte do campo semântico da análise do texto dramático. Nesse sentido, recorreu-se também ao *Dicionário de teatro*, de Patrice Pavis (1999), e à *Poética*, de Aristóteles (1991). O estudo de *Introdução à análise do teatro*, de Jean-Pierre Ryngaert (1995) contribuiu bastante para a orientação da análise da peça. No capítulo II, intitulado “A ficção e sua organização”, o escritor destaca o elemento *enredo* como a soma das ações e dos acontecimentos, pois o teatro conta imitando a ação, mostrando ações escritas para serem encenadas no palco por atores, cuja orientação apresenta-se nas *didascálias* ou indicação cênica. Mas, como teatro é dizer, o diálogo é que constitui a parte mais importante do texto dramático e, segundo Pirandello (apud RYNGAERT, 1995, p. 103), a fala das personagens pode ser compreendida como “ação falada”, pois “falar é dizer”. Desta forma, será na fala das personagens que se identifica a dimensão temática. Também é na fala que se apresentam as relações de força entre as personagens. A compreensão desses elementos serviu para orientar a análise de *King Lear* em torno do tema da velhice e suas implicações em relação ao conflito de geração e à questão de poder.

Para fundamentar a análise da peça e ampliar os conhecimentos em relação à temática da velhice, foram lidos textos, tais como, *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*, de Mucida (2006), que discute o conceito de velhice bem como a clínica do idoso, a partir de Freud e Lacan, observando que a velhice é determinada em cada época e em cada cultura de forma diferenciada; *Velhice: aspectos biopsicossociais*, de Guite I Zimerman (2000).

Quanto à revisão da literatura referente à obra de Shakespeare, “Do luxo da corte ao despojamento total: o significado das roupas na Inglaterra Tudor e no *Rei Lear*, de Shakespeare”, de Liana de Camargo Leão (2005), constituiu um dos textos de apoio crítico para a construção deste artigo. Outras leituras foram realizadas, tais como, *Shakespeare nosso contemporâneo*, de Jan Kott (2003), *Sobre Shakespeare*, de Northrop Frye (1999), “Rei Lear”, de Heliodora (1998) e “Gender and sexuality in Shakespeare”, de Traub (2001). O último texto mostra a importância das mulheres nas tragédias shakespearianas, pois, segundo o crítico, geralmente elas servem de fonte inspiradora para a falha trágica do herói. São filhas que deixam de realizar os desejos dos pais, esposas ou amantes que se mostram muito independentes, ou que, de alguma forma, contrariam a vontade masculina, tornando o poder vulnerável. No caso de Lear, Cordélia recusa-se a corresponder à vontade do pai, provocando a desmedida do rei que a deserda.

O estudo e a análise de *King Lear*, fundamentados nos textos críticos e teóricos, geraram a discussão que norteia os resultados da pesquisa, conforme se apresentam a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa consistem da apresentação de alguns dados compilados através da leitura e discussão da obra de William Shakespeare, *King Lear*, bem como de textos referentes ao tema da velhice e das leituras que serviram de apoio crítico e teórico.

Já não constitui nenhuma novidade afirmar que a população de idosos vem crescendo consideravelmente. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a expectativa de vida, hoje de 66 anos, será de 73 anos em 2025 (ZIMERMAN, 2000), justificando, assim, o crescimento populacional de velhos e o interesse pelo tema da velhice.

Entretanto, enquanto caminhamos para viver numa sociedade predominante de pessoas velhas, o mundo é conduzido pelo imperativo do novo, tornando o envelhecimento uma “nova forma de mal-estar na cultura” (MUCIDA, 2006). Considerando essa perspectiva, observa-se que a temática do envelhecimento constitui uns dos assuntos mais polêmicos na sociedade, sugerindo controvérsias nas discussões.

Certamente, o valor atribuído à velhice depende de cada cultura e, conseqüentemente é uma questão de educação. Estudos sobre essa temática mostram que “a velhice sinaliza tanto a perspectiva de um saber a ser aproveitado como também um saber a ser destituído e, sobretudo, traçando cronologicamente uma relação mais estreita com a morte, ela acopla-se à idéia que cada cultura tem da morte e do morrer”. (MUCIDA, 2006, 67)

Na literatura, há controvérsias quanto à imagem da pessoa idosa e sua valorização. Ela tanto pode apresentar características de crueldade como de sabedoria e de experiência. Neste sentido, Mucida toma

Beauvoir (1986) como referência (2006, p. 68), destacando o conflito das gerações³ e a perversão como ângulos sob os quais a mitologia grega aborda o tema da velhice. Tirésias seria uma das exceções, pois “acopla à idade a sabedoria, uma cegueira acompanhada de visão interior”. Mas o conflito de gerações não deixa de existir, conforme se pode observar na versão do mito segundo Sófocles, em *Édipo Rei*.

No texto de Mucida (2006, p. 69), a obra de Shakespeare também é citada como exemplo para as considerações sobre a velhice:

Rei Lear de Shakespeare, é a segunda grande obra – juntamente com *Édipo em Colona* – na qual o herói é um idoso, encontra-se tanto uma visão pessimista de velhice quanto a idéia de que ela é uma verdade da condição humana e não seu limite. Mas de qualquer maneira, Lear expressa o drama do humano.

King Lear (Rei Lear) é uma das grandes tragédias de Shakespeare, portanto, uma obra dramática, que conta a história de um rei que tinha três filhas, sendo a mais nova sua preferida. Considerando-se cansado das responsabilidades reais, resolveu dividir o seu reino em três partes, ficando a maior delas para aquela que declarasse maior intensidade no seu amor filial. As duas primeiras filhas são parecidas em ambição e fingimento. Desta forma, elas usam de uma bela retórica para convencer o rei de que o amam. Já Cordélia, a mais jovem, contraria a expectativa do rei, limitando-se a falar de seu dever filial que consiste em honrar e obedecer como expressão de amor. Desapontado, Lear deserdá a filha amada e expulsa o Conde de Kent que tomou a defesa de Cordélia. Sem poder, Lear passa a ser dependente das filhas, Goneril e Regan. Elas limitam seus caprichos e pompa de rei, terminando por abandoná-lo ao relento e à fúria da natureza. Cordélia, que se tornara rainha da França, retorna para resgatar o pai, mas termina sendo enforcada, por ordem de Edmundo, o filho bastardo e traiçoeiro do Conde de Gloster, que ambiciona o poder. Enfim, o desespero em ver a generosa Cordélia sem vida leva Lear à morte, o que configura sua catástrofe final, muito embora Edgar, o filho de Gloster que fora vítima da vilania do irmão, retorne para fazer justiça.

De acordo com D'onofrio (2003), uma das características do gênero dramático é a forma dialógica. Enquanto o texto narrativo privilegia a voz do narrador, o texto dramático dá ênfase à fala das personagens, sendo através do diálogo que se expressa a tensão existente na peça. Assim, o princípio do drama está voltado para o conflito que há entre os personagens, gerando surpresa e tensão.

Ryngaert (1995, p. 103), por sua vez, afirma que, no teatro, “todo discurso das personagens é ‘ação falada’”, pois, “uma personagem fala para agir sobre a outra, para comentar uma ação realizada, anunciar uma outra, lamentá-la, enaltecê-la. A fala de uma personagem organiza sua relação com o mundo no uso que ela faz da linguagem”.

A partir da fala das personagens pode-se verificar a visão de velhice apresentada no texto. Na cena inicial, o próprio Lear apresenta uma visão pessimista da velhice, relacionando morte com envelhecimento:

Enquanto isso, eis o nosso desejo.
Dai-me o mapa. □ Sabei que dividimos
O nosso reino em três: é nosso intento
Afastar da nossa idade os cuidados
Deixando-os aos mais jovens e mais fortes,
Enquanto para a morte caminhamos
Sem o peso da carga: filho Cornwall
E vós, Albany, não menos amado,
Vamos agora proclamar os dotes
De nossas filhas e evitar conflitos.
(ato I, cena 1, p.25)⁴

O conflito dramático se estabelece a partir de sua visão pessimista de velhice – o caminho para a morte. Entretanto, em seu discurso, há certa controvérsia, pois Lear acreditava poder se “despir” das responsabilidades sem perder as prerrogativas de rei, conforme afirma Liana de Camargo Leão (2005), em seu artigo intitulado “Do luxo da corte ao despojamento total: o significado das roupas na Inglaterra Tudor e no *Rei Lear*, de Shakespeare”, quando fala das imagens de roupa e de nudez que acompanham a trajetória de Lear, do momento da abdicação ao momento de sua morte. Para Lear, o amor filial de suas herdeiras e sua condição de patriarca garantiria a posição privilegiada de ter suas vontades atendidas. Livre do peso da carga das responsabilidades, a velhice seria uma fase da vida a ser usufruída pelo bel-prazer, uma

³ Segundo Zimerman (2005, p.69), os jovens demonstram “uma necessidade de auto-afirmação e de se imporem pela modernidade e pelo conhecimento, desencadeando no velho a sensação de falência e de decadência, de ser alguém ultrapassado”. Por outro lado, o velho quer impor seu modelo rígido, querendo que filhos e netos sejam iguais a ele e desencadeando a disputa pelo poder. É preciso, pois, tolerância e flexibilidade de ambos os lados para se estabelecer o diálogo e um bom relacionamento, com base no respeito mútuo.

⁴ As citações usadas daqui por diante são da Edição bilíngüe, tradução de Jorge Wanderley, Editora Relume-Dumará, 1992.

perspectiva que pode ser considerada como positiva, muito embora se caminhe para a morte. Todavia, na visão ambiciosa das filhas de Lear, suas vontades e caprichos devem ser controlados, situação que desencadeia o conflito e a relação de forças no drama, dando intensidade ao embate entre a nova e a velha geração, conforme pode ser observado na fala de Gloster quando decifra os presságios anunciados pela natureza:

Esses últimos eclipses de sol e lua não anunciam nada de bom; embora as leis naturais possam explicá-los assim e assado, a própria natureza é castigada pelo que acontece: o amor esfria, a amizade se rompe, irmãos brigam entre si; nas cidades, rebeliões; no campo, discórdia; nos palácios, traição; rompem-se os laços entre pai e filho. Este meu vilão se encaixa nos presságios: aí está filho contra pai. O rei abandona as leis da natureza: aí está, o pai contra seu fruto. Já vimos o melhor de nosso tempo: maquinações, perfídia, traição e todas as desordens ruinosas nos acompanham implacáveis até a tumba. (ato I, cena II, p. 45)

Se, por um lado, Goneril, Regan e Edmundo representam aquilo que há de mais perverso no ser humano, o egoísmo e o desamor, visando ao controle da situação e ao poder; por outro, Cordélia e Edgar expressam os mais sinceros sentimentos de amor filial, mas não são compreendidos.

Lear, por sua vez, age como um velho decrépito, tolo e crédulo. Ele deseja quantificar o amor: “em qual de vós está quem mais nos ama?”. Não percebe a astúcia das duas primeiras filhas Goneril e Regan, que se apropriam de palavras lisonjeiras, enquanto Cordélia ama e silencia, associando o seu amor ao dever e obediência de filha, atitude que desafia a vaidade de Lear, sendo então deserdada.

Reafirma-se, aqui, o diz Rynngaert (1995, p. 55), a soma das ações e dos acontecimentos constitui o enredo e este organiza a estrutura da peça, isto é, articula a história a ser contada. Na organização da estrutura da peça há sempre uma intriga que é constituída por um ou mais conflitos que culminam no nó da intriga e se resolvem no desfecho. Em Lear, a intriga começa com a deserção de Cordélia e a ascensão de Goneril e Regan com o poder de propriedade, sendo intensificada com a atitude das duas filhas herdeiras que se opõem à vontade do pai.

Segundo Pavis (1999, p. 67), “o conflito dramático consiste de forças antagônicas do drama”. As personagens apresentam visões de mundo diferentes, com posturas diferentes ante uma mesma situação. Nesse sentido, o conflito apresenta-se, *a priori*, entre a visão de mundo de Lear e a de Cordélia, que contraria seu desejo de ser adulado, mas será a contradição entre a expectativa do rei em relação às filhas herdeiras e as verdadeiras intenções delas a relação de forças que, de fato, vai dar sentido ao drama.

Considerando o pobre julgamento que o rei fez de Cordélia, Goneril fala para Regan: “Vê como a idade dele é cheia de mudanças. Muito temos observado: ele sempre teve mais amor por nossa irmã; e a maneira como a afastou agora demonstra bem como é pobre seu julgamento”. Ao que Regan responde: “É mal da idade. Aliás, ele nunca se dominou muito”. Goneril continua a fazer sua avaliação sobre o comportamento do rei, afirmando: “Mesmo nos seus melhores dias foi um irrefletido; assim, devemos esperar de sua velhice não apenas as imperfeições antigas, mas também caprichos que chegam com os anos de doenças e de cólera”. A irmã, por sua vez, complementa: “Súbitas explosões como esta que resultou no banimento de Kent”. (ato I, cena 1, p.39)

As considerações sobre a velhice prosseguem. Em sua maioria denotam um sentido negativo da velhice, conforme podemos observar nas falas apresentadas no quadro demonstrativo a seguir:

Nº de ordem	Personagem	Fala da personagem	Visão da velhice
01	Lear	Enquanto isso, eis o nosso desejo. Dai-me o mapa. □ Sabei que dividimos O nosso reino em três: é nosso intento Afastar da nossa idade os cuidados Deixando-os aos mais jovens e mais fortes, Enquanto para a morte caminhamos Sem o peso da carga: filho Cornwall E vós, Albany, não menos amado, Vamos agora proclamar os dotes De nossas filhas e evitar conflitos. (ato I, cena 1, p.25)	Negativa/positiva
02	Kent	E seja Kent rude a um Lear louco. Que vais fazer, velho? (ato I, cena I, p. 31)	Negativa
03	Goneril	Vê como a idade dele é cheia de mudanças. Muito temos observado: ele sempre teve mais amor por nossa irmã; e a maneira como a afastou agora demonstra bem como é pobre seu julgamento. (ato I,	Negativa

		cena 1, p.39)	
04	Regan	É mal da idade. Aliás, ele nunca se dominou muito. (ato I, cena 1, p.39)	Negativa
05	Goneril	Mesmo nos seus melhores dias foi um irrefletido; assim, devemos esperar de sua velhice não apenas as imperfeições antigas, mas também caprichos que chegam com os anos de doenças e de cólera	Negativa
06	Gloster (lendo a carta que Edmundo escreveu e diz ser de Edgar)	Esse costume de reverenciar a velhice deixa o mundo mais amargo no melhor de nossas vidas; mantém afastada de nós a nossa fortuna até que a nossa própria velhice nos impeça de gozá-la. Começo a ver uma estúpida e crédula limitação na opressão tirânica dos idosos: ela governa, não porque tenha poder, mas por ser tolerada. (ato I, cena II, p. 43)	Negativa
07	Edmundo	Nunca, meu senhor, mas muitas vezes o ouvi dizer que estando os filhos na idade certa e o pai envelhecendo, que ficasse o pai sob a tutela do filho e passasse o filho a lhe administrar as rendas. (ato I, cena II, p. 43)	Negativa
08	Goneril	Simula a mais cansada negligência, Tu e teus colegas; se ele não gosta, Pode partir, ficar com minha irmã, Que, neste ponto, pensa como eu penso: Mandamos nós e ninguém mais. Que velho Inútil, a querer mandar ainda Com um poder que jogou fora! Ah, Os velhos tolos são como as crianças. É usar a reprimenda como agrado Quando se excedem. Lembra o que eu te disse.(ato I, cena III, p. 49)	Negativa
09	Goneril	Peço-vos compreender minha intenção: Se sois idoso, deveis ser sensato. (ato I, cena IV, p. 63)	Positiva
10	Goneril	Não vos preocupeis em saber mais; Antes deixai que a sua caduquice Extravase em seus atos. . (ato I, cena IV, p. 65)	Negativa
11	Bobo	Se fosses o meu bobo, meu tio, mandaria te sorrir por ficares velho antes do tempo. (ato I, cena IV, p. 71)	Negativa
12	Bobo	Não devias ter ficado velho antes de ficar sabido. (ato I, cena IV, p. 71)	Negativa/Positiva
13	Regan	Estais velho senhor; A natureza em vós vai nos limites, Deveis ser governado e dirigido Por quem conheça a vossa condição Melhor do que vós mesmo; assim, eu peço Que a nossa irmã de pronto retorneis; Dizei-lhe que errastes. (ato II, cena IV, p.103)	Negativa
14	Lear	Se amais os velhos, se em vosso comando Cabe obediência, se também sois velhos, Assumi, a meu lado, a minha causa! <i>A Goneril</i> Não tens vergonha de olhar minha barba? (ato II, cena IV, p.105)	Positiva
15	Lear	Deuses, vede-me aqui, um pobre velho, Cheio de anos e mágoas e nos dois Um desgraçado! Se sois quem comanda O coração das filhas contra o pai, Não me obrigueis ainda à mansidão; Daí-me ira nobre e que ao meu rosto de homem Não venham gotas d'água, que são arma De mulher! (ato II, cena IV, p. 111)	Negativa

16	Edmundo	Da ajuda que proibem comentar, Logo direi ao duque; e desta carta; Dá boa recompensa e vou ganhar O que perde meu pai: – tudo o que tenha! Ergue-se o moço – e o velho se despenha. (ato III, cena III, p. 125)	Negativa
17	Lear	Se a mente é livre, o corpo é delicado: A tempestade que há em meu espírito Dos meus sentidos rouba tudo o mais. (ato III, cena IV, p. 127)	Negativa
18	Cordélia	E que não fosses pai; os teus cabelos Branços deviam lhes causar piedade. (ato IV, cena VII, p. 193)	Positiva/Negativa
19	Lear	Não zombes... Sou apenas um velho muito tolo De oitenta e tantos, nada mais que isto, E para falar com franqueza, tenho medo de não estar Em meu juízo perfeito. (ato IV, cena VII, p. 195)	Negativa
20	Edgar	Maus pensamentos de novo? Cabe ao homem Esperar pela hora da saída Como esperou, na hora da chegada. A madureza é tudo. Vinde, vinde. (ato V, cena II, p.205)	Positiva
21	Edmundo	Senhor, mantenho o mísero rei velho Sob prisão e guarda apropriadas. É que a idade dele tem poderes, Como o seu título e pode atrair O apoio popular e os mercenários Contra nós, no comando. (ato V, cena III, p. 207)	Positiva
22	Lear	É verdade ou não é, meu camarada? Já foi o dia em que com minha espada Eu faria que corressem – mas agora Estou velho e meus males me aniquilam. □ Quem és tu? Os meus olhos não vão bem. Já direi. (ato V, cena III, p. 223)	Negativa

Conforme se pode observar no quadro acima, a concepção de velhice é predominantemente negativa, apresentando uma percepção pessimista da vida. Das 22 (vinte e duas) falas destacadas, 15 (quinze) apresentam uma visão negativa, relacionando a velhice com: loucura, tirania, irracionalidade (pobre julgamento), doença, cólera, amargura, opressão, dependência, inutilidade, caduquice, tolice, morte (limite da natureza), piedade, mágoa, desgraça, decadência ou ruína (Ergue-se o moço – e o velho se despenha) e miséria. As falas que denotam uma visão positiva são 4 (quatro), as quais relacionam a velhice com: sensatez, ser merecedor de obediência e respeito. No limiar de uma visão positiva e negativa estão as falas de número de ordem 01, 12 e 18. Na primeira, conforme já foi discutida, a velhice está relacionada com a morte – “para a morte caminhamos” –, mas também fala da libertação do peso da carga, ou seja, do trabalho, das responsabilidades, um período da vida que seria voltado mais para o prazer. Na segunda, o valor da velhice está associado à transformação da experiência em sabedoria, pois só vale a pena ser um velho sabido: “Não devias ter ficado velho antes de ficar sabido”. A terceira fala da obediência e dever de filha em relação ao pai, mas a visão da velhice ressaltada pelos cabelos brancos remete à piedade e este termo não denota uma visão positiva da velhice.

Em *King Lear*, o conflito dramático que se estabelece, entre a nova e a velha geração, está relacionado à questão do poder. Sem perceber, Lear entregou seu destino à ambição das filhas desnaturadas. Destituído de seu poder de rei, Lear passou a enfrentar as injustiças e crueldade das filhas, Goneril e Regan, que passaram a o considerar um velho inútil, tirano, caprichoso e caduco, sem condições de governar a si mesmo.

Observamos ainda a tensão dramática (no enredo secundário) na relação de Gloster e seus filhos Edmundo (filho bastardo) e Edgar (filho legítimo). Gloster, por sua vez, deixa-se levar pela vilania de Edmundo que tramou contra o irmão Edgar. Acusado de traição, Edgar fugiu e fingiu-se de louco, adotando o nome de Pobre Tom. Assim como Cordélia, é ele quem protege o pai e, depois, o velho ancião reconhece seu erro de julgamento.

Kent, por sua vez, atua como adjuvante em duas situações diferentes. Primeiro ele toma a defesa de Cordélia diante da irracionalidade de Lear, quando ela recusa-se a proferir um discurso de bajulação. Pode-

se considerar Cordélia como o sujeito, a sinceridade como o objeto de desejo e, nesse caso, Lear fica na posição de oponente. Depois, mesmo havendo sido banido, Kent retorna para proteger o rei, mantendo o seu papel de fiel súdito. Então, a situação dramática será representada por Lear como sujeito, o poder como objeto e as duas filhas como oponentes. Observa-se que em momento algum Kent abandona o rei, demonstrando um inabalável senso de justiça do início ao fim da peça, pois, mesmo no momento em que ele coloca-se como oponente de Lear, atuando como adjuvante de Cordélia, Kent está tentando despertar a razão do rei, conforme atesta a seguinte passagem:

E seja Kent rude a um Lear louco.
Que vais fazer, velho? Crês que o dever
Teme falar quando o poder se curva
À pura adulação?
A honra é franca
Ante uma majestade enlouquecida.
Preserva teu poder: cessa o rompante.
Por minha vida, digo – a filha
Mais moça não te adora em menor grau;
Nem é cruel só por não ter voz grave.
(ato I, cena 1, p. 31)

A figura do Bobo (*clown* ou palhaço) também tem sua relevância para a compreensão da condição de Lear e sua relação com a velhice e com a questão do poder. Primeiro ele adverte Kent quando observa que o mesmo coloca-se em defesa dos mais fracos e da justiça: “Era melhor se Vossa Senhoria pegasse o meu barrete.” Kent então pergunta: “Por que, bobo?” E ele responde: “Por tomar o partido de quem está na desgraça.” (ato I, cena 4, p.57) O sentido de *bobo* ganha outra dimensão. Sabe-se que o bobo demonstra sabedoria, genialidade e arte, na construção de situações cômicas, mas, neste caso, aquele que se opõe ao poder é considerado *bobo*, aqui, com o sentido de tolo, idiota.

Com o sentido de tolo, a denominação de bobo também é conferida a Lear. O Bobo dirige-se ao rei, questionando ironicamente: “Meu menino, sabes a diferença entre um bobo perverso e um amável?” Lear responde: “Não, rapaz. Ensina-me”. Então ele diz:

No meu lugar fique aquele
Que as terras te mandou dar;
Fica tu no lugar dele
E eis dois bobos no lugar;
São bobos no mesmo espaço
Doce e amargo, os dois iguais;
Um com roupas de palhaço
E o outro aí onde estás.
(ato I, cena 4, p.59)

Nas palavras do Bobo, as filhas tornaram-se as mães de Lear, tentando fazer do pai um filho obediente. Assim, o velho tornara-se criança. Também é com nítida ironia que o Bobo profere suas máximas, fazendo Lear encarar uma realidade indesejada: “Quem não guarda nem migalha/ Na penumbra se atrapalha”. “Tanto o pardal deu de comer ao cuco/ Que apanhou dele e terminou maluco” (ato I, cena 4, p.61) Mais adiante, o Bobo comenta: “Não devias ter ficado velho antes de ficar sabido.” (ato I, cena 4, p.71) Segundo Vasconcelos (2008), neste contexto, a sabedoria representa a mais valia da velhice. Num país capitalista, se ser velho é ser bobo, é preciso ser um bobo sabido.

CONCLUSÕES

Em King Lear, a velhice é representada através das personagens do rei, Lear, e de Gloster. Os dois são apresentados como tolos e crédulos no início da peça. A credulidade e a vaidade favorecem a mudança de fortuna de ambas as personagens. Apesar da idade, Lear não teve a sabedoria e a visão interior para reconhecer o verdadeiro amor filial. Também faltou a Gloster enxergar as astúcias de Edmundo e rejeitar uma ação determinada pelas aparências. Assim, tanto Lear quanto Gloster vão sofrer para chegar à realidade. Mas Shakespeare apresenta um contraponto para a credulidade dos anciãos. O jovem Edgar, assim como os anciãos, Lear e Gloster, deixa-se conduzir pelas aparências, acreditando na farsa representada por Edmundo.

A tragédia Shakespeariana, portanto, apresenta uma tensão dramática que se estabelece na relação entre pais e filhos, envolvendo a questão do poder. Sem compreender as palavras sinceras de Cordélia,

Lear age de forma irascível, depois a situação é agravada com a decadência do poder patriarcal, quando as filhas assumem o poder e agem com cumplicidade entre elas, no que se refere à atitude em relação a Lear, mas de forma traiçoeira, no que diz respeito à busca de seu objeto de desejo que envolve paixão e poder. Goneril e Regan disputam as afeições de Edmundo.

Considera-se que estudar a obra de Shakespeare contribuiu bastante para suprir as lacunas dos conhecimentos teóricos sobre a arte dramática. A temática da velhice e, conseqüentemente, do conflito entre gerações presentes na composição artística da obra do dramaturgo inglês também tiveram sua importância para se compreender melhor uma questão que hoje se coloca com bastante evidência nas relações humanas.

Por falar em relações humanas, o texto de Heliodora (1998) mostra que a ordem universal, na qual o homem se integra, e em virtude da qual ele é responsável por suas ações, está essencialmente ligada ao aprendizado da verdade, da perspectiva mais verdadeira das relações humanas e do contrato social, bem como ao aterrorizante, mas esplendoroso processo de humanização de Lear, que aprendeu e humanizou-se com o sofrimento.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Poética. **Ética a Nicômaco; Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BOQUET, Guy. **Teatro e sociedade: Shakespeare**. Tradução de Berta Zemel. São Paulo: Perspectiva, 1989.

CANDIDO, Antonio. O direito á literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 4 ed. Duas Cidades; Ouro sobre Azul: São Paulo; Rio de Janeiro, 2004. p.169-191.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do Drama. In: _____. **Teoria do texto 2: teoria da lírica do drama**, São Paulo: Ática, 2003. p. 125-183.

FRYE, Northrop. **Sobre Shakespeare**. Tradução de Simone Lopes de Mello. São Paulo: EDUSP, 1999.

KOTT, Jan. **Shakespeare nosso contemporâneo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LEÃO, Liana de Camargo. Do luxo da corte ao despojamento total: o significado das roupas na Inglaterra Tudor e no *Rei Lear*, de Shakespeare. In: MALUF, Sheila; AQUINO, Ricardo Bigi de (orgs). **Reflexões sobre a cena**. Maceió: EDUFAL; Salvador: EDUFBA, 2005. p.165-191.

MCGUIRE, Philip C. **Shakespeare: the Jacobean plays** Houndmills: Macmillan, 1994.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Tradução de J. Guinsburg; Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro**. Tradução Paulo Neves; Revisão da tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Coleção Leitura Crítica).

SHAKESPEARE, William. **O Rei Lear**. Tradução de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. (Edição Bilíngüe).

TRAUB, Valerie. Gender and sexuality in Shakespeare. In: GRAZIA, Margreta de; WELLS, Stanley (eds). **The Cambridge Companion to Shakespeare**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 129-146.

VASCONCELOS, Iris. H. G. Ligações e afiliações: Shakespeare e o contexto elisabetano-jacobino. In: MALUF, Sheila Diab; AGUINO, Ricardo Bigi (orgs). **Olhares sobre textos e encenações**. Maceió: EDUFAL; Salvador: EDUFBA, 2007. p.117-128.

_____. O velho e o outro: de louco e de bobo todo mundo tem um pouco. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE TEXTO E CULTURA, 2008, Fortaleza. **Anais** (no prelo).

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. São Paulo: Artmed, 2005.